

Wlss, Wolfram. *The Science of Translation*. Tübingen, Narr, 1982.

Wlss, Wolfram. *Kognition und Übersetzen. Zu Theorie und Praxis der menschlichen und der maschinellen Übersetzung*. Tübingen, Niemeyer, 1988.

Wlss, Wolfram. *Übersetzungsfertigkeit. Annäherungen an einen komplexen übersetzungspraktischen Begriff*. Tübingen, Narr, 1992.

ZIMA, Peter V. *Die Dekonstruktion*. Tübingen, Francke, 1994.

## O TRABALHO FILOLÓGICO NA TRADUÇÃO:

### CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE AS TRADUÇÕES DO MÉDIO ALTO-ALEMÃO PARA O PORTUGUÊS

Mário Eduardo Viaro\*

**Abstract:** This paper discusses the question of how Translation Theory and German Philology can be helpful to each other. It starts with some general observations on the history of the German Language with special emphasis on Middle High German. In the second part, a Middle High German poem is translated into Portuguese.

**Keywords:** Translation; Middle High German; Germanic Philology.

**Zusammenfassung:** Der vorliegende Aufsatz diskutiert die Frage, in welchen Punkten Übersetzungstheorie und deutsche Philologie sich gegenseitig unterstützen können. Er beginnt mit einigen generellen Beobachtungen zur Geschichte der deutschen Sprache mit besonderer Berücksichtigung des Mittelhochdeutschen. Im zweiten Teil wird ein mittelhochdeutsches Gedicht ins Portugiesische übersetzt.

**Stichwörter:** Übersetzung; Mittelhochdeutsch; Germanische Philologie.

**Palavras-chave:** Tradução; Médio Alto-Alemão; Filologia Germânica.

## 1. Introdução

A Tradução pode ser considerada, do ponto de vista histórico, como a atividade prática que levou o ser humano, por meio da *parole* dos clássicos e dos textos sacros, a se conscientizar cada vez mais do sistema de sua própria língua. Isso culminará na chamada fase

---

\* O autor é doutorando de Letras Clássicas e Vernáculas, Área de Filologia Românica, da USP. Endereço do autor: R. Bela Cintra, 283, ap. 11, CEP 01415-000 – São Paulo, SP.

“científica” da Filologia, que começa no séc. XIX, em oposição à muitíssimo mais longa fase denominada “especulativa”. Bem antes da descoberta do sânscrito e das primeiras obras de Rasmus Rask e Franz Bopp, contemplavam-se as semelhanças e diferenças entre as línguas. Esse fato fica já muito claro nas traduções do Pai Nosso para todas as línguas do Globo, processo iniciado desde o séc. XVI, por um lado, como consequência natural das propostas e intenções da Contra-Reforma e das Companhias Jesuítas, e, por outro, pelo fascínio dos leigos que subiam aos cargos do ensino universitário face a um número quase infinito de línguas que iam surgindo do Novo Mundo: Hervás, Panduro, Adelung, Vater e tantos outros. O amadurecimento proporcionado pelos séculos, apesar de não apresentar sempre um constante progresso (pelo contrário, há muitas idas e vindas, nesse processo de compreensão da Linguagem), fez o Homem do séc. XX conscientizar-se de que uma tradução não é uma mera troca de etiquetas de determinados frascos. Muitas vezes, o tradutor precisa dar nome àquele movimento informe que se lhe depara em meio a uma neblina, cujas cores e contornos mal se conseguem distinguir. E a dificuldade de reconhecer esses contornos era diretamente proporcional à distância cultural e temporal em que o fenômeno a ser compreendido se encontrava. Um dos muitíssimos instrumentos de que a Tradução pôde e pode, ainda hoje, se valer, por ser essencialmente interdisciplinar, é a Filologia.

A Filologia tem muita semelhança com a Tradução. Em primeiro lugar, uma edição crítica definitiva de um trabalho ecdótico é tão impossível de ser feita quanto uma tradução definitiva. Se é verdade que há uma sólida técnica que distingue uma edição técnica de outras edições ou uma tradução “profissional”, de uma tradução feita por alguém que desconheça por completo os conceitos básicos do que venha a ser uma tradução, também não é uma verdade dizer que ambas as técnicas se baseiam na interpretação, que é pessoal e intransferível. Resumindo: ao lado das técnicas e universais que definem a *essência* de ambos trabalhos, no caso da edição crítica, o estabelecimento dos manuscritos, o estema etc., na tradução, a definição do original, o objetivo a ser atingido, as línguas de partida e de che-

gada, há o elemento humano de quem as realiza, que definirá a sua *excelência*. Assim, essa excelência só se atinge por uma argumentação coesa e coerente e só por ela se consagra que essa ou aquela edição crítica ou tradução é boa ou a melhor. Exatamente nesse ponto, a ecdótica se mostra um passo à frente, pois é inconcebível uma boa edição crítica sem essa argumentação, encarnada no *frío aparato crítico*, onde se podem ver as discrepâncias entre os manuscritos e, ao mesmo tempo, abre margem para que o leitor discorde e crie a sua variante. Em Tradução, o máximo que se encontra são notas de rodapé, essenciais, pois mostram o trabalho do tradutor e as dificuldades oferecidas pela tradução de uma ou outra passagem. Se essas notas são essenciais, como dito, elas são, entretanto, igualmente odiadas pelo editor ou até mesmo evitadas pelo tradutor, que prefere eximir-se ou ficar anônimo. Parece sintomático observar que a margem para o questionamento se torna maior em traduções que acompanham o texto original.

Em segundo lugar, a Tradução e a Filologia se completam na transmissão do significado, uma vez que a Filologia dá base para a teoria da Tradução, quando afirma que o arquétipo, o original último, é um construto e, por conseguinte, não existe como entidade física. Se existisse, todo trabalho ecdótico não teria razão de ser. Assim, sobre centenas de cópias medievais de um texto de Cícero, monta-se um estema lachmanniano, separam-se as lições mais plausíveis, forma-se, assim, um esboço do que teria sido o original do séc. I a.C. ou o que sobrou dele. O mesmo faz o tradutor quando se pergunta “que quer o autor dizer com isso?”, buscando encontrar elementos de coesão e dando, muitas vezes, inversamente, subsídios ao filólogo no que se refere à busca de uma coerência interna do texto. Ambos são trabalhos de construção de sentido e o conhecimento intertextual é indispensável. Quando se traduz um texto estabelecido pela edição crítica, torna-se fácil ver como a Verdade se distancia e como é ainda ingenuamente perseguida por árduos defensores da “tradução fiel”.

Em último lugar, tanto a Tradução como a Filologia trabalham com a visão multifacetada da língua, diferentemente da Linguística

Estruturalista ou da Gramática Normativa. A Linguística pós-saussuriana trabalha sobre o sistema sincrônico e, de certa forma, imutável, pois uma mudança qualquer acarretaria na formação de outro sistema. A Gramática Normativa trabalha também sobre um construto: um sistema anacrônico inclui autores muito distantes no tempo e espaço, como Camões e Graciliano Ramos. Sobre esse cânone forma seu sistema ideal, permeado de julgamentos de valor, o que a caracteriza. Tanto a Tradução como a Filologia trabalham com aquilo que Saussure chamaria de *parole*, ou seja, estão diante de atos de fala. A Língua para elas nunca é ideal ou estática, mas sempre variadíssima. Esse é o motivo pelo qual os estudos de Dialetoлогия surgiram muito antes da fundação da Linguística Moderna, no bojo da própria Filologia, pois tanto a documentação escrita como os atos de fala dialetais são, no fundo, manifestações de uma língua única e multiforme, que é vista como instituição e não como sistema de signos abstratos, e portanto, panocrônica. Por outro lado, devido a esse objeto de estudo lato, tanto do filólogo como do tradutor cobra-se o conhecimento da Língua como um Todo e não apenas de um de seus muitos subsistemas, aumentando-lhes a responsabilidade.

Nesse último aspecto, diferenciavam-se os dois estudos por mera questão de tradição: normalmente, um tradutor de etapas modernas de uma língua não se acha preparado para traduzir etapas mais antigas, ou vice-versa. O problema aqui é mais de instrumentação do que propriamente de especialização, e é isso que será apresentado a seguir.

## 2. O médio alto-alemão

O período do médio alto-alemão é colocado entre 1050 e 1350, manifestando, portanto, características que o diferenciavam do antigo alto-alemão já no séc. XI. O médio alto-alemão é, desde o início, bastante dialetizado, de modo que não se pode falar dele como um sistema, no sentido de Saussure, mas como um conjunto de sistemas. Para o tradutor, a aceitação desse caráter fugidivo e diverso é, por si

só, já um trabalho e, diga-se de passagem, não muito fácil, uma vez que a visão ocidental tem uma tradição de interpretação com bases fortemente idealistas (remontando a Platão) e, por outro lado, racionalistas e axiomáticas (novamente, com a base grega de Aristóteles), ambos redutores a elementos mínimos. Acresça-se ainda, a título de reforço dessas interpretações, a concepção monoteísta ocidental, em que diz que só há Um. Se houver um Outro, esse Outro ou faz parte do Um (daí a Trindade) ou simplesmente é totalmente falso, e portanto, não existe ou não merece atenção. Contrariamente, um hindu politeísta pregaria simplesmente que o Outro é apenas Mais Um, convivendo muito mais facilmente com a diferença, seja ela religiosa, linguística, seja em outros aspectos mais práticos da vida.

Quanto à fragmentação dialetal do médio alto-alemão, não se deve pensar que nele reina o caos. Muito pelo contrário, a necessidade de reducionista ocidental, movida pelo racionalismo e pelo idealismo, encontrou espantosas regularidades entre os fenômenos linguísticos e foi isso o que atraíu os primeiros estudiosos. Esses fenômenos podem ser de variada ordem: as regras fonéticas e a confluência de formas morfológicas estão em primeiro lugar. A semântica, menos visível, entrou em outros momentos, posteriores, como a dialetologia ou a onomasiologia. Ao mesmo tempo que se fazia o trabalho de comparação, surgiam outros de reconstrução (de sons, sentidos, palavras e até mesmo sistemas linguísticos inteiros) e interpretação.

Assim, em contraste com o alto-alemão moderno, o médio alto-alemão parece ter “peculiaridades”, se visto sincronicamente:

1. A grafia, mesmo a das edições críticas, difere essencialmente, havendo inclusive letras e diacríticos estranhos (â, ê, ê, î, ô, û, 3, FE, GE). Muitas vezes, essa grafia não revela novos sons, assim, *iu* representa o moderno som *i:*; já *ei* deve ler-se como /EI/, não como em alemão moderno /ai/.
2. A própria fonologia difere: há uma diferença fonológica entre o som fricativo dorso-alveolar /s/, grafado S, que se tornará

sonoro (mas mantido em alguns dialetos, como na Suíça) e um som áptico-alveolar /s/, grafado Z ou, mais propriamente, ʒ, que originará as atuais grafias ss ou ß. A reconstrução nos diz, por exemplo, que o grafema *ch* deveria se ler sempre /x/, como em Bach, mesmo depois de sons palatais, e nunca como *ich* (como ainda se diz na Suíça).

3. A morfologia é diferente. Assim, o artigo definido feminino no nominativo singular é *diu* e no acusativo, *die*; no plural, o neutro, tanto no nominativo como no acusativo, se diz *diu*, enquanto o masculino e o feminino nos mesmos casos é *die*. Essas distinções já não existem. O numeral 2 também concordava em gênero, sendo *zwêne* a forma do masculino, *zwô*, a forma feminina e *zwei*, a forma neutra.

4. O léxico é profundamente diferente. Como se sabe, é o elemento menos conservador nos sistemas linguísticos, refletindo o ambiente social da época.

5. A sintaxe não está ainda tão rigidamente fixada: assim, verbos em orações subordinadas nem sempre estão no fim da frase, e adjetivos nem sempre estão antepostos ao substantivo a que se referem.

É preciso ainda informar que o médio alto-alemão, em nenhum momento, pode ser visto como objeto independente, pois é um elo entre o moderno e o antigo alto-alemão (que por sua vez, o é do germânico ocidental, ligado ao germânico comum, como variação do indo-européu). Assim, ainda hoje, resquícios de *zwo* aparecem na língua falada (sobretudo quando se diz números de telefone, placas etc.) e alguns dialetos possuem ainda hoje a distinção em três gêneros para o numeral 2: no Mauerner Mundart, região do Pfalz, há a diferença entre *zwee Mannsleut* "dois homens", *zwei Weiber* "duas mulheres" e *zwaaz Kinner* "duas crianças" (BRÄUTIGAM & LENK 1981: 64). Isso demonstra o caráter pancrônico desse estudo. Ainda sobre o exemplo do numeral 2, podemos fazer um movimento até a origem

dos tempos, como um batiscofo que mergulha na informação disponível da Língua, entendida como instituição e não como sistema:

Moderno Alto-alemão:

Nom + Ac.	zwei (às vezes zwo)
Gen.	zwei ou zweier
Dat.	zwei ou zweien

Médio Alto-alemão:

Nom + Ac.	zwêne (masc.)/ zwô (fem.)/ zwei (neutro)
Gen.	zweiger
Dat.	zweien

Antigo Alto-alemão:

Nom + Ac.	zwêne (masc.)/ zwô (fem.)/ zwei (neutro)
Gen.	zweio
Dat.	zweim

Vendo a língua como esse elo, o tradutor não se surpreenderá se seu texto em médio alto-alemão tiver elementos que são conservados do antigo ou que apontem para o moderno. Além disso, estabelece a rede que colocará o alemão no quadro das línguas germânicas, assim a forma *zwô* remontaria a um germânico \**two*, uma vez que pela segunda *Lautverschiebung* de Grimm (que diz que oclusivas surdas do germânico comum se tornam africadas no alto-alemão), um *t* germânico passa a *z* apenas no alto-alemão, enquanto outras línguas germânicas mantiveram o *t*: assim, inglês *two* (do anglo-saxão *twêne*, *twô*, *twé*, com os três gêneros correspondentes), gótico *twai*, *twô*, *twæ*; holandês *twee*, *two*; islandês *tvær*, *tvæ*, *tvö*; sueco *två*. Podem citar-se ainda outros exemplos: o germânico \**tehu* passa ao alto-alemão *zehan*, depois *zehn*, enquanto inglês diz *ten*; \**tanp* torna-se *zand*, e depois *Zahn*, mas em inglês, *tooth* ( a letra *p*, presente ainda hoje no islandês, é sobrevivência de uma runa que representa o mesmo som interdental

surdo *th* do inglês, sistematicamente transformado em *d* no alto-alemão). Se a investigação quiser ir até o fundo das informações, chegaremos ao indo-europeu, onde o *t* dessas línguas germânicas vem de um *d*, através da primeira *Lautverschiebung* (que diz que as oclusivas sonoras indo-européias se tornam surdas no germânico comum), assim temos o indo-europeu \**dw̥t*, donde saem também o latim *duo*, o grego *duo*, o sânscrito *dvā*, o eslavo *dyv*, o lituano *du* etc. etc. O fascinante nessas derivações fonéticas é a incrível regularidade das mudanças fonéticas, assim o mesmo *d* que passa a *t* nas línguas germânicas permanece nas outras línguas. Quanto aos exemplos acima, o germânico \**tanh* vem do indo-europeu \**dont-* (com mudança regular de *o* para *a*, dessa mesma raiz extraem-se facilmente lat. *dent-is* e grego *o-dont-os*, ambos no genitivo) e o germânico \**tehun*, vem do indo-europeu \**dekm* (donde lat. *decem*, pronunciado “dekem”, grego *déka*).

Semanticamente, as surpresas não são menores, uma vez que, continuando a história do numeral 2, pode-se ver que a atual preposição *zwischen*, nada mais é que uma derivação do numeral *dois*, pois em antigo alto-alemão *unter zwiskên* significava “entre dois” (com a mudança regular de *sk* para *sch*), ou seja, diacronicamente, o étimo de uma preposição pode ser um numeral, daí ser fácil entender porque ainda hoje *zwischen* é “entre dois”, enquanto *unter* significa “entre muitos”.

Esse tipo de informações, longe de serem inúteis para um tradutor de textos antigos (ou até mesmo modernos, não necessariamente dialetais), apontam para uma direção da reconstrução do sentido, que deve ser feita não só entre os elementos coocorrentes, mas também com os de uma camada abaixo, proporcionando uma *leitura vertical* do texto.

### 3. Um exemplo

Tomando por base o texto que está no apêndice, podem-se acuar várias atuações do trabalho filológico no trabalho de tradução.

Trata-se de um manuscrito do séc. XIII ou XIV, em dialeto *Allemannisch*, provavelmente de Strabburg ou imediações. O título *Zum Schlarffenlandt* (sobre o país da Cocanha) parece não ser aplicado aqui com propriedade, mas acrescentado posteriormente, já que o texto versa sobre uma série de mentiras, contadas aparentemente por duas pessoas, como se vê ainda hoje nos *desafios* de repentistas ou em brincadeiras como as que dizem “*Você não sabe o que eu vi / lá em cima daquele morro / cinco metros de linguça / correndo atrás de um cachorro*” ou em inglês “*I saw the hare chase the hound / forty miles above the ground*”. A rima parece dar ensejo ao outro, que deve contar uma mentira ainda maior, por ex.

do sach ich ein jung esel vei	Então vi um burro novo bem alimentado
mit sinre silberinen nasen	Com seu nariz prateado
jagen zwêne snelli hasen	Caçar duas rápidas lebres
unde eine linde, diu was breiit	E uma tília, que era larga
deruffe wuolsen fladen heiz	Sobre a qual cresciam bolos quentes

Ao que o outro responderia, rimando com a última palavra:

do sach ich ein viel boese geiz	Então vi uma cabra muito ruim
---------------------------------	-------------------------------

Tipologicamente determinado, aparecem outros problemas de ordem técnica e que só podem ser resolvidos por uma atuação filológica. Assim, é necessário reconstruir o texto, do ponto de vista linguístico, e contexto, do ponto de vista histórico e geográfico. A reconstrução do cenário de fome e peste, durante o séc. XIV, pode nos dar um índice para a sublimação da imagem da “tília que fornece bolos” e para tantas outras desse país da Cocanha, como a de não ser necessário esfalfar-se para obter o pão de cada dia, pois as leitoas já andavam assadas e com uma faca espetada nas costas e que bastaria arrancar um pedaço e meter de novo a faca no lugar, ou então que nem era necessário caçar, pois as pombas, assadas, entram por si só na boca das pessoas. As razões e o cenário em que o texto se inclui são tarefas da História e também o como da transmissão de textos com o mesmo assunto nos diferentes países europeus.

Do ponto de vista lingüístico, o poema em si traz problemas para a tradução, que serão enunciados:

1. Problemas pontuais, ou seja, o que significa essa ou aquela palavra? Esse tipo de problema está relacionado com a função referencial da linguagem, se for usada aqui a clássica distinção de Jakobson, que se serviu da mesma fonte bibliográfica que Reiss em sua tipologia (GENZLER 1993:71).

2. Problemas de estratégia de tradução, ou seja, uma vez resolvidos os problemas pontuais, em que linguagem a tradução será transmitida e em que forma? Nesse momento, uma vez que o texto está sendo “dado a público” e não se trata de um processo de intertextualidade, pois, em geral, tal tipo de texto é desconhecido, pode-se pensar numa parcimoniosa intervenção do tradutor, isto é, não acrescentar uma função emotiva à já existente no texto de partida. Não se deve interpretar, todavia, que se possa ingenuamente ser “fiel” ao texto *stricto sensu*, mas é possível ser coerente à prática filológica que garante determinados resultados, na medida em que ela também disponha de respostas às questões levantadas. Por outro lado, o público-alvo esperado seriam pessoas de nível universitário que conheçam algo da produção da época, e esse público pode ser construído pelo mesmo texto, uma vez que não se traduz apenas para quem já conhece o texto, mas para que o futuro leitor possa *vir a ser* um potencial interessado no assunto. Justificar-se-ia uma tradução mais “próxima do original”, no sentido mais amplo que essa expressão possa ter, pois é parte de uma tradição desconhecida, que não permite grandes intertextualidades. Além disso, não raro os processos de “atualização do conteúdo” implicam uma banalização de expressões usadas pelo senso comum. Da mesma forma, pensando no outro extremo, uma adaptação da língua de chegada para a época da produção, ou seja, traduzir o texto para o português do século XIV e dizer, por exemplo, para o subtítulo, “*agerca dos minjireyros*”, não faria sentido, pois ignoraria o leitor e também implicaria em acúmulo de er-

ros. Isso fizeram, deliberadamente, muitos tradutores no passado, como Morris, Carlyle, Newman (BASSNETT-McGURE 1992: 67ss.). A tradução, como a edição crítica e diferentemente da edição diplomática, tem a função de facilitar a leitura e nem sempre conserva separações peculiares, reprodução de incoerências ortográficas, erros evidentes, uma vez que agem *em prole do leitor* e o texto deve ser *reader friendly*, parodiando aqui a expressão da Informática, isso tudo sem subestimar o leitor ou nivelá-lo por baixo.

3. Problema da natureza do texto de partida. O fato de se tratar de um texto rimado e com aliterações traz um sério problema, pois acrescenta-se a função poética às duas anteriores. Aqui, exige-se uma postura do tradutor. Ou não se recuperam as rimas ou é preciso de alguma forma trazê-las de volta, no texto de chegada. A primeira opção poderia ter a justificativa exposta no item anterior, tornando-a desnecessária, mas a própria estrutura tipológica implicaria uma perda do reconhecimento do *desafio* já levantado. A solução é o jogo compensatório entre perda e aquisição dos elementos integrantes no poema. Curiosos são os casos de rima quebrada, e se a hipótese do desafio está certa, há intervenção de censura ou intenção de provocar riso, como em frases (de gosto perfeitamente questionável, diga-se de passagem) que dizem “*Rainunda era feia de cara, mas boa de papo*”, sugerindo cacofonia ou palavra-tabu. Seria necessário verificar em um dicionário de rimas do alemão medieval a validade dessa segunda hipótese e, se provada, caberia ao tradutor trazer à língua de chegada elementos que compensem essa vivacidade, o que muitas vezes se perde na tradução de textos antigos.

4. Outras funções são inexistentes (como a metalingüística) ou reduzidas a segundo plano (como a fática e a conativa) e podem, portanto, ser descartadas.

Tomemos agora um pequeno excerto:

Ich sach eins males in der affen zit	Vi uma vez no tempo dos tolos
an einem kleinen siden vaden	Num pequeno fio de seda
Rome und Latrane tragen	Carregarem Roma e Latrão
und einen fuogelosen man	E um homem sem pé
loufen fur ein snelles pfer	Correr na frente de um cavalo rápido
do sach ich ein vil bæsez swert	Enão vi uma espada muito ruim
houwen eine slegebruke enzwei	Cortar em duas uma ponte levadica
do sach ich ein jung esel vei	Enão vi um burro novo bem alimentado
mit sire silbernen nasen	Com seu nariz prateado
jagen zwêne snell hasen	Caçar duas rápidas lebres

Quanto aos problemas pontuais, pode-se utilizar de tudo que já foi dito e fazer as seguintes considerações adicionais:

- a) A forma *ich sach*, atual *ich sah*, provando que o *h* era pronunciado inicialmente, como resquício do som velar *ch*. No nosso salto em profundidade, encontraremos que o verbo *sehen* vem do germânico *sehwa* “ver” da raiz indo-européia \**sekw-* que quer dizer “seguir”, portanto, “seguir com os olhos” (vide latim *sequor* e daí, palavras como *seqüência*, em português). A mudança de *k* para *h* é prevista na primeira Lautverschiebung (confrontem-se inúmeros exemplos como lat. *cord-is* e alemão *Hertz*; lat. *cornu* e alemão *Horn*, lat. *caput* e alemão *Haupt* etc.). Conscientemente evitar-se-á a leitura *sach* como algo relacionado com *Sache*, que tem outra origem.
- b) A forma *zit*, atual *Zeit*, mostra que a ditongação aparece em muitas outras palavras do texto, logo abaixo *siden* por *Seide*, também *ou* e *û* confluem no ditongo *au* (*loufen* por *laufen*, *houwen* por *hauen*, *ûf* por *auf*, *tîben* por *Tauben*; *ûz* por *aus* etc.). Essas formas não ditongadas aparecem ainda em muitos dialetos do Sul. Incluem-se aqui também *iu*, que se torna *eu*, *äu* (*miuse* por *Mäuse*). Inversamente, *uo* se monotonga (*fio zelos* por *fujlios*).
- c) A forma *affen* significando “tolo” depreende-se também de indícios. Inicialmente do próprio vocábulo *Scharaffenland* ou ex-

pressões do alemão moderno como *jemanden zum Affen machen*. No médio alto-alemão, há também *affenheit* “bobagem”, *affenlich* “idiota” (também com as formas *effenlich*, *affhenic*, *affhen*) e o verbo *affen* “fazer de bobo” (às vezes *effen*).

- d) A ortografia de *vaden* reflete a forma moderna *Faden* praticamente sem mudança, a não ser que pelo fato de a vogal breve ter-se alongado. Logicamente a diferença entre *pfert* e o atual *Pferd* é puramente ortográfica, idem -*c* em vez de -*k* ou -*g* (*truoc* por *trug*, *wêrc* por *Werk*);

- e) A preposição *fur*, que originou *für*, tem aqui um sentido espacial “na frente de”. Por muito tempo, *fur* e *vor* eram simples variantes e podiam ter valores espaciais, temporais, causais ou finais, mas apenas no séc. XVIII, artificial e normativamente, estabeleceu-se que somente *für* pode ter os valores abstratos e *vor*, os concretos. Dialetoalmente, a confusão continua, mas resquícios desse período de indiferenciação resistem (cf. *Fürwort*, decalque do latim *prae-positio* e depois, para *pro-nomen*). Curiosamente, nas línguas românicas, as diversas preposições latinas com a idéia de “na frente de” também acabam se confundindo. Assim *pro*, *prae*, *per*, têm a mesma origem, acabam por misturar-se (no português *por*, mas *per+lo* origina *pelo*, já o italiano e o catalão só têm *per*; o francês distingue ainda *par* e *pour*). Mudança de sentido se vê também em *vil bæsez* em vez de *sehr schlechi*, curiosamente com valores muito próximos ao das línguas românicas, onde “muito” se traduz por *sehr* ou *viel*, e “ruim” por *schlechi* ou *böse*.

- f) Sintaticamente observa-se que a presença ou ausência de terminações do adjetivo neutro ou plural ao lado do substantivo está bastante instável: *ein snelles pfer*, *ein vil bæsez swert*, *ein jung esel vei*. Nesse último exemplo (talvez por razões métricas), há a posição posposta do adjetivo. A sintaxe não equivale ainda totalmente à do alemão moderno, mas já não é tão livre como no antigo (*eine linde*, *diu was brei* por *eine Linde*, *die breit war*);

g) O primeiro elemento da palavra *stegedrucke* sofre metáfora, de *stage*, donde se reconhece facilmente *Schlag* (cf. inglês *sleep* e alemão *schlafen*).

h) Resquícios de muitas declinações do antigo alto-alemão aparecem aparecem obscurecidos no médio alto-alemão, assim, os antigos temas em *-a*, *-i*, *-ja*, *-u*, *-wa*, *-ô*, *-î*, *-n* vão paulatinamente ou desaparecendo ou se tornando *-e* ou *-en*, além de criações analógicas, como o plural em *-er*. A forma *nasen*, da antiga declinação feminina em *-ô* (germânico \**nasô*), usada muitas vezes no plural, como no português antigo “os narizes” (por metonímia, ou seja, referindo-se às duas narinas).

Quanto aos problemas levantados no item 2 acima, vale a tradução que está presente no apêndice. No entanto, se for necessário um resgate da rima, como apontado no item 3, todo um trabalho de reelaboração partindo dessa tradução (ou seja, necessariamente *de-pois* da reconstrução filológica do sentido) se faz necessário. O mesmo trecho acima levantado, poderia, por exemplo, ser traduzido da seguinte forma:

Ich sach eins males in der affen zît	Certa vez, no tempo dos tolos, eu vi
an einem kleinen siden vaden	carregarem num pequeno cordão
Rome und Latrane tragen	de seda, Roma e Latrão
und einen fuogelosen man	e um homem sem pé
loufen fur ein snelles pfer	correr na frente de um ginece
do sach ich ein vil betsesz swert	Já eu vi ainda um cavalete
houwen eine slegebrucke enzwei	conter uma ponte levadiça
do sach ich ein jung esel vei	E eu vi uma mula roliça
mit sinre silberinen nasen	com seu prateado focinho
jagen zwêne snell hasen	caçar dois rápidos coelhinhos

Apresentou-se, nessa última versão, uma disposição visual que possibilita reconhecer o desafio, criando-se espaços entre as falas e o uso do travessão. Também se pode falar de uma *pontuação linguística*, pois se incluíram partículas como a conjunção aditiva *e* ou a pala-

*via já*, o pronome relativo *eu* é propositalmente traduzido. Rimar-se-iam, segundo esse esquema, apenas os versos que estão rimando também na língua de partida. A substituição vocabular se faz necessária para a aquisição da rima e o jogo de compensações entra em questão. Assim, *swert* (a espada) se torna *cavivete*, perdendo um elemento importante da reconstrução do ambiente de época do poema, imediatamente *pfert* compensa a perda, sendo traduzido não por *cavalo* mas como *ginece* “cavaleiro armado de lança e adaga”, segundo a acepção antiga. Exemplos parecidos seriam o peculiar bolo (de mel) *fladen*, o ato de se *ordemar um bispo*, ou ainda o *fuoder*, unidade de medida que equivaleria à quantidade de uma carroça, e vocabulário de campo, como *geize* (a rabiça, ou seja, o braço do arado), *draschen* (dar golpes de malha para debulhar) etc. Também *esel* torna-se, não *burro*, mas *mula*, a fim de gerar um adjetivo feminino, *roliça* (mais expressivo que *bem alimentado*) que rime com *levadiça*. A inversão vista em *esel vei* pode compensar-se mais abaixo, em *seu prateado focinho*.

Fazendo uso desses jogos compensatórios, chega-se a uma curiosa e até intrigante conclusão: na busca de compensações, muitos elementos que ficavam em segundo plano ou eram mesmo ignorados (como a posição do adjetivo ou a rima quebrada) numa tradução mais literalizante emergem e ficam em primeiro lugar, e essa recuperação de formas torna-a, em certos aspectos, mais “fiel” ao texto de partida. Essa conclusão surpreendente bota por terra a concepção ingênua de tradução “fiel” como a que “traduz sem perder nada do texto da língua de partida”. Aqui, a “fidelidade”, pelo contrário, está de certa forma aliada à estética e, por causa dela, consegue recuperar fatos que uma tradução puramente “referencial” jamais recuperaria, provando que não há de fato, senão didaticamente, dois tipos estanques e facilmente diferenciáveis de tradução. Com isso não se quer voltar à idéia de Schleiermacher do *Geist der Sprache*, porque não está sendo construída uma língua artificial de tradução, pois essa preocupação não está no código, mas na *poeticidade da mensagem*. A técnica da *Verfremdung* pode servir como uma técnica possível, jamais como a principal e, sem dúvida, perfeitamente injustificada se o texto de



partida não causa estranheza no contexto em que está situado (KOLLER 1992: 49). É verdade que, muitas vezes, os trabalhos de transposição e reconstrução nem sempre são executados com a mesma obsessão ou, até, com o mesmo cuidado por diferentes tradutores, e é até compreensível, uma vez que não há mesmo uma técnica única a ser imposta, senão olhar a palavra por todos os seus ângulos, sentir a sua dimensão física (textura, odor, sabor) e transcendente, enfim, nunca perdê-la de vista, nem mesmo quando a substituímos por outra de conteúdo completamente diferente do da língua de partida, pois muitas vezes o vínculo, quer metafórico, quer metonímico, quer sinestésico, quer ainda de outra ordem, se apresenta mais importante que a “transferência de etiquetas”, se isso de fato é mesmo possível.

### Referências bibliográficas

- AUBERT, F.H. (*In*)*fidelidades da tradução: servidas e autonomia do tradutor*. Campinas, Unicamp, 1993.
- BASNETT-McGUIRE, S. *Translation studies*. London/New York, Routledge, 1992.
- BRAUNE, Wilhelm. *Althochdeutsche Grammatik*. Tübingen, Max Niemeyer, 1987.
- BRÄURIGAM, Kurt & LENA, Rudolf. *Landab: lebendige Mundart von der Pfalz zum Tauberggrund, vom Main zur Murg*. Karlsruhe, Badenia, 1981.
- BUNSE, Heinrich A.W. *Iniciação à filologia germânica*. Porto Alegre, Ed. Universidade, 1983.
- COSERTU, Eugenio. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística*. Rio de Janeiro, Presença, 1979.
- GENTZLER, Edwin. *Contemporary translation studies*. London/New York, Routledge, 1993.
- KLUGE, Friedrich. *Eymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache*. Berlin, Walter de Gruyter, 1989.

344

Viano, M.E. – Tradução do Médio Alto-Alenão

KOLLER, W. *Einführung in die Übersetzungswissenschaft*. Heidelberg, Quelle & Meyers, 1992.

KÖNIG, Walter. *DTV-Atlas zur deutschen Sprache*. München, DTV, 1978.

KRANE, Hans. *Indogermanische Sprachwissenschaft*. Vol. 1, Berlin, Walter de Gruyter, 1951.

KRANE, Hans. *Germanische Sprachwissenschaft*. Berlin, Walter de Gruyter, 1963.

LEXER, Martha. *Mittelhochdeutsches Taschenwörterbuch*. Stuttgart, Hirzel, 1976.

PAU, Hermann. *Mittelhochdeutsche Grammatik*. Tübingen, Max Niemeyer, 1959.

POKORNY, Julius. *Indogermanisches etymologisches Wörterbuch* I. 3 vol., Bern/München, Francke, 1959.

RANKE, F. *Altnordisches Elementarbuch*. Berlin, Walter de Gruyter, 1949.

SZEMERÉNYI, Oswald. *Introducción a la lingüística comparativa*. Madrid, Gredos, 1978.

VARES, J. de. *Eymologisch woordenboek*. Utrecht, Het Spectrum, 1971.

Pandemonium Germanicum. n. 2, p. 329-347, 1998

345

## Sobre o país da cocanha

## Assim é sobre as mentiras

Ich sach eins males in der affen ziti an einem kleinen siden vaden Rome und Latrane tragen und einen fuogelosen man houfen fur ein snelles pfer do sach ich ein vil betsez swert houwen eine siegebucke enzwei do sach ich ein jung esel vei mit sinre silberinen nasen jagen zwéne snell hasen unde eine linde, diu was breit deruffe wuolhsen fladen heiz do sach ich ein viel boese geiz diu truoc wol hundred fuoder smalzes und wol sehtzig fuoder salzes ist dag nitu gelogen genuoc? do sach ich ern einen pfluoc ane ros und ane rint do sach ich ein jehriges kint werfen mulsteine viere von Regensburc nach Triere von Trier unze Strazburg hin eg swam ein habech uber Rîn dag têt er alhez mit rêhle do hort ich vische brehten dag eg in den himel schôz do sach ich honec in eime wazzerflôz von eime tal ûf einen bêrc dag waren sælzenen wêrc do sach ich zwô kreigen eine matte meigen	Vi uma vez no tempo dos tollos Num pequeno fio de seda Carregarem Roma e Latrão E um homem sem pé Correr na frente de um cavalo rápido Então vi uma espada muito ruim cortar em duas uma ponte levadiga Então vi um burro novo bem alimentado Com seu nariz prateado Caçar duas rápidas lebres E uma tifa, que era larga Sobre a qual cresciam bolos quentes Então vi uma cabra muito ruim Que trazia umas cem carroçadas de banha E umas sessenta carroçadas de sal. Não é mentira suficiente? Então vi um arado arar Sem cavalo e sem vaca Então vi uma criança de um ano Arremessar mós quatro vezes De Regensburg a Trier De Trier até Strazburg Nadava um aqor por cima do Reno Isso ele fazia como lhe é de direito Então eu ouvi peixes fazerem tanto barulho Que atingia o céu Vindo de um vale, subindo uma montanha Que eram salinas Então vi duas grahas Ceifar uma campina
--	---

do sach ich zwô mucken machen eine brucken do sach ich zwô lûben einen wolf klûben do sach ich zwei rinder zwô geizze bringen und sach zwéne frosche mit enander dreschen Do sach ich zwô miuse einen bischof welhen do sach ich zwô katzen einern bern sine zungen ûz kratzen do sach ich einen snecken zwéne lowen toten do sach ich einen scherer einre frowen den bart scheren do sach ich zwei sùgende kint ir muoter heigen swîgen do sach ich zwéne winde eine mul ûzer dem wazzer bringen da stuont ein boesez pfer und sprach eg ware rêht ûz howe korne dreschen do sach ich zwô geizen einen oven heizen do sach ich eine rote kuo dag brot in den oven tuon da sprach ein huon est ûz geseit ein ungefuoc scheiz ûf die bruoch est ûz geseit	Então vi dois mosquitos Fazer uma ponte Então vi duas pombas Despedaçarem um lobo Então vi duas vacas Levando duas rabiças E vi duas fâs Malharem juntas uma a outra Então vi dois ratos Ordenarem um bispo Então vi dois gatos Arrancarem a unhadada a língua de um urso Então vi um caracol Matar dois leões Então vi um barbeiro Cortar a barba de uma mulher Então vi duas crianças de peito Calarem com ordens a sua mãe Então vi dois ventos Arrancarem um moinho para fora d'água Então um cavalo ruim se levantou E falou que estava certo Então vi quatro cavalos de carga Debulharem grãos do meio do feno Então vi duas cabras Aquecerem um forno Então vi uma vaca vermelha Pôr pão nesse forno Então uma galinha falou Foi proclamado Um inconveniente fez nas bragas Foi proclamado
--	--